

Transgênero e velhice: o caso Laerte

Tainá Lacroix Rosenkjar dos Santos

Abriremos espaço aqui para o diálogo da intersecção do envelhecer perpassado pela singularidade das questões de gênero a partir dos conteúdos latentes encontrados nas redes sociais da cartunista Laerte, e nos deteremos na singularidade dessas publicações.

Laerte Coutinho é uma cartunista, transgênera de 66 anos, considerada uma das mais influentes na sua área. Tem dois filhos homens e uma mulher, e hoje já é avô, não há relatos de casamentos. Aos 58 anos assumiu publicamente uma identidade trans, porém antes de se identificar como mulher transgênera, se assume primeiramente como homossexual.

Começou seus trabalhos como profissional em 1970, quando criou um personagem chamado Leão para a revista *Sibila*. Em 1991 começa as publicações das tirinhas dos "Piratas" no jornal *A Folha de S. Paulo*. Laerte criou uma parceria com outros dois cartunistas, Glauco e Angeli, com os quais produziu diversos trabalhos. Em 2005 perde seu filho Diogo e, a partir desse momento, é tornado público seu processo de transição, Laerte assume uma identidade transgênero.



Começaremos pelo momento de ruptura na vida da cartunista. Após a morte do seu filho, em um trágico acidente de carro, Laerte interrompe um momento de descoberta de sua identidade transgênera, quando para de travestir-se como mulher, devido a sua própria censura, por achar esse movimento de descoberta impróprio naquela situação. Em seu documentário, [Laerte-se](#) (2017), lançado em 2017, ela traz uma reflexão sobre essa passagem, porém não encontra uma resposta definitiva: "Eu me perguntei sobre isso muitas vezes, porque isso me soou impróprio. Porque mexer no meu trabalho de uma forma despudorada não foi considerado impróprio e isso sim foi. Fico pensando nisso".

Neste período de descoberta, em sua produção artística dá vida a personagem Muriel, que seria conhecida como o *alter-ego* do antigo personagem Hugo. Essa personagem traz à tona a vontade do autor de se travestir como mulher, em alguns momentos específicos, dando visibilidade a um movimento não muito popular no Brasil - o *Crossdresser* - que é o prazer de se vestir como mulher - que se sentem pertencentes ao gênero biológico que lhes foi atribuído ao nascimento, e não se consideram travestis (JESUS, 2012).

As questões de gênero perpassam desde a hora do nascimento até a velhice. Elas estruturam todo o ciclo da vida do indivíduo, marcando e delimitando suas ações. Entende-se por gênero os atributos sociais que designam a condição de ser mulher ou homem, características que envolvem toda a rede de relações dos indivíduos, e são questões socialmente estabelecidas e definidas (ONU, 2002). Observa-se que as divisões de tarefas doméstica, cores, atividades recreativas, brinquedos e outros, são estabelecidas pelo gênero biológico, como esclarece a citação do documento *Dimensiones del envejecimiento relacionadas con el género*¹, “o gênero faz parte de um contexto sociocultural mais amplo. Outros critérios importantes para a análise sociocultural são os recortes de classe, a raça, os níveis de pobreza, o grupo étnico e a idade” (NAÇÕES UNIDAS, 2002, p. 2).

Laerte busca analisar através das tirinhas, a partir dessa semelhança entre o personagem e o cartunista, sua vontade reprimida e a necessidade de vivenciar o feminino. Em 2009, Laerte assume de vez a transgeneralidade e vivencia, rotineiramente o feminino, por anos reprimido, modificando de vez seus trabalhos, vida pessoal e personagens



No documentário "Laerte-se" (2017), diz ser este o momento de retirada de véus e afirma que o personagem Hugo passa a ser Muriel. Começa o movimento de tornar-se "A" Laerte – “a primeira roupa que eu usei, na verdade foi uma roupa que eu tirei [...] foi eu ter tirado meus pelos”. Agora conseguia ver as partes de seu corpo, podendo dar vida e espaço a uma nova pessoa “é outra pessoa e eu queria me ver inteira”.

Na escuta dessa passagem do documentário podemos questionar um dos estereótipos sobre o papel feminino - a mulher se sente pressionada socialmente a fazer depilação, pois criadas em uma cultura patriarcal, que exige a perfeição do feminino em contraponto ao masculino. Quando Laerte

¹ Tradução livre

resolve se depilar acaba, talvez sem refletir, reproduzindo o discurso machista e validando a construção social de um 'modelo' do ser feminino refutado por muitos coletivos feministas.

Laerte começa a investigar o que é ser mulher, da mulher que ela pode ser. Realiza uma busca dentro das possibilidades que são dadas às mulheres, e as que mais lhe fazem sentido, criando e integrando possibilidades em seu íntimo. Afirma em declarações para a *TV Folha* (2012) que "eu aprendo com o repertório das coisas que existem. Como diz Simone de Beauvoir, mulher você aprende a ser".

Nas redes sociais, Laerte dá voz à militância trans, às questões políticas do mundo e à finitude. Examinando esses conteúdos, vemos que poucos são os espaços para se falar sobre uma velhice trans, ou sobre o que é ser velha. Para a cartunista "esta velha que eu quero ser, ela não existe. Eu 'to' construindo essa velha também".

O envelhecer é uma etapa da vida cheia de singularidades e de subjetividades próprias, perpassadas por questões sociais como as de gênero, e a falta de uma assistência adequada a essa população – que necessita ser olhadas e cuidada com mais urgência, e que não se identifica com o gênero que lhe foi determinado biologicamente (JESUS, 2012).

Nas narrativas de Laerte observa-se que a questão do gênero é prioritária, mas o envelhecer é secundário, neste momento. Ela introduz o tema quando afirma ter mais de 60 anos, ou seja, idade que marca a passagem para a velhice. O envelhecimento dos transgêneros é um caminho desconhecido e inexplorado na gerontologia, e mesmo para a militância trans.

A vivência da cartunista tem contribuído para a melhora da abordagem à população velha e LGBTTTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queers, Intersexo, Assexual - no Brasil, e poderá contribuir para a quebra dos preconceitos relativos à identidade trans e, por fim, ajudará a reduzir dois tabus impostos pela sociedade, o de se envelhecer e, acima de tudo, o de envelhecer transgênero.

A questão transgênero e velhice começa a ter visibilidade social, sendo pautada na mídia como abordada no *I Seminário Velhices LGBT: A invisibilidade de um passado histórico, a esperança de um futuro de glória*, que aconteceu no dia 25 de novembro de 2017 em São Paulo. O seminário foi organizado pela instituição não governamental "Eternamente Sou", criada a partir da demanda de um serviço voltado ao atendimento psicossocial dessa população idosa. O projeto busca olhar para suas especificidades, reconhecendo que há uma necessidade de integrar esse segmento na sociedade e protagonizá-lo.

A proposta trazida pelo seminário foi a de abordar as questões relativas ao envelhecimento da população LGBT, e mostrar a relevância da criação de políticas públicas específicas para esse segmento. Como afirma a psicóloga

Valmari Cristina Aranha, em reportagem concedida para a TV da Câmara: "esse evento vem para abrir um espaço para que a gente discuta essas novas formas de se envelhecer".

Considerações

É importante retomarmos o papel do psicólogo na discussão do tema aqui abordado. Questionamos aqui a postura atual dos psicólogos, pois são poucos os que realmente têm uma visão alargada na desmistificação dos preconceitos relativos às identidades de gênero. Muitos acabam reproduzindo em consultório os preconceitos e visões que, geralmente, repelem os indivíduos que passam por essas questões. Onde o psicólogo se enquadra nesse meio? O quanto é necessário pensarmos no profissional atuando no atendimento dessa demanda, que não só passa pela construção de uma identidade trans, mas também sob uma ótica do se envelhecer e das questões dessas singularidades.

É preciso que os profissionais se atualizem e no atendimento a esse público, para que não seja marginalizado, e tenha mais espaço de fala. É fundamental a elaboração de políticas públicas específicas para esse público, visto que suas demandas são bem específicas e pouco conhecidas. Atualmente, temos alguns avanços em discussões que começam a emergir nas mídias e mesmo na academia, porém nota-se que ainda são poucos esses espaços. Acredita-se que para além das reivindicações atuais da militância trans, é preciso se falar mais sobre envelhecer trans, discussão sobre a qual a psicologia ainda não se debruçou.

Referências

NACIONES UNIDAS. *División para el Adelanto de la Mujer Departamento de Asuntos Económicos y Sociales*. Dimensiones del envejecimiento relacionadas con el género, 2002.

LAERTE-SE (2017). Direção: Lygia Barbosa da Silvia e Eliane Brum. Distribuição: Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=Laerte-se&jbv=80142223&jbp=0&jbr=0>>

COUTINHO, L. (2009), Descanso. Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/arch2009-05-24_2009-05-30.html>. Acesso em: 13/11/2017

TV FOLHA (2012) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wYzlAuc83cg>> . Acesso em: 19/11/2017

THERRIE, B (2015), Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/comportamento/crossdresser-travesti-trans-laerte-fala-sobre-sexualidade,c6d4497a0e2a8c81220e7b5168cb0bb15arfRCRD.htm>> Acesso em: 19/11/2017

JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. Brasília, 2012.

Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>.

Acesso em: 30/11/2017

COUTINHO, L., *Biografia*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/laerte/info/biografia-top.html>>. Acessado em: 19/11/2017

ETERNAMENTE SOU. *I Seminário Velhices LGBT: A invisibilidade de um passado histórico, a esperança de um futuro de glória*, 2017. Disponível em

<<https://www.facebook.com/events/286668065173549>

Acessado em: 04/12/2017.

Imagens

TERRIE, B. (2015) Disponível em:

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/comportamento/crossdresser-travesti-trans-laerte-fala-sobre-sexualidade,c6d4497a0e2a8c81220e7b5168cb0bb15arfRCRD.html>>

COUTINHO, L. (2009) Disponível em <http://murieltotal.zip.net/arch2009-05-24_2009-05-30.html>

Data de recebimento: 05/12/2017; Data de aceite: 22/03/2018.

Tainá Lacroix Rosenkjar dos Santos - Estudante de Psicologia da PUC. Texto apresentado na disciplina eletiva do curso de Psicologia da PUC-SP - "Escutas virtuais da longevidade: vozes dos 60+ inscritas nas redes sociais", ministrada pelas professoras Beltrina Côrte e Ruth. C. Lopes, segundo semestre de 2017. E-mail: tailacroix@hotmail.com